


Gênero





O UniBrasil Centro Universitário tem as questões de Gênero entre as suas prioridades nas ações de complemento curricular, pois o conceito de gênero, ao enfatizar as relações sociais entre os sexos, permite a apreensão de desigualdades, importantes como campo de pesquisas, de ações extensionistas e de ensino.

Hoje sabemos que as diferenças efetivamente existentes entre homens e mulheres não são exclusivamente biológicas e sexuais, mas incluem as culturais, derivadas de relações de opressão e polarização binária entre os gêneros. Esclarecer estudantes e colaborar para com um mundo mais justo e inclusivo são essenciais para a formação plena do cidadão.

Mulheres: legitimando a sua importância

AUTORA

Cláudia Thomé Witte - Escritora e pesquisadora histórica luso-brasileira. Foi professora de alemão, pesquisando desde 2003 o período do primeiro reinado brasileiro, com ênfase em personagens femininas da realeza. Consultora de instituições nacionais e internacionais: Fundação Maria Luísa e Oscar Americano, Museu Imperial no Brasil, Palácio Nacional da Ajuda, Palácio Nacional de Queluz, Fundação da Casa de Bragança, em Portugal, Österreichische Nationalbibliothek, na Áustria, Bayerische Hauptstaatsarchiv na Alemanha, além de instituições ligadas a Casa Real da Suécia. Membro do Freundeskreis Leuchtenberg, do Círculo Leuchtenberg, e do Instituto Histórico de Petrópolis.

Fui convidada para redigir este texto de abertura da seção sobre Gênero desta publicação. Escrevo enquanto mulher e biógrafa de figuras femininas da realeza do século XIX, o que pode parecer um tema distante, elitista e supérfluo à primeira vista. Mas foi ao apresentar minhas personagens, a segunda imperatriz do Brasil, d. Amélia de Leuchtenberg (1812-1873), e a rainha de Portugal, d. Maria II (1819-1853), nascida princesa no Brasil, que me deparei pela primeira vez com a dificuldade que é falar sobre mulheres sem recorrer ao enquadramento dos homens a quem elas estiveram subordinadas. A referência passa sempre por alguém ter sido filha, mãe ou esposa de um personagem masculino. Como se fosse necessário o aval de um homem para legitimar a importância da mulher.

Ao perceber esta armadilha, na contracapa da biografia de d. Amélia lançada em Portugal em abril de 2024, fiz questão de explicitar a questão: “D. Amélia de Leuchtenberg foi neta de Napoleão Bonaparte, segunda esposa de d. Pedro IV, Imperatriz do Brasil e Duquesa de Bragança. Para além de filha, neta ou esposa de alguém, foi uma mulher que tomou suas próprias decisões e assumiu seu destino.”

No entanto, se entre mulheres da realeza a dificuldade de enxergarmos seu legado já é imensa, a questão piora quando descemos os degraus da hierarquia social. Mulheres burguesas costumam ter seus nomes registrados na história das famílias por duas, no máximo três gerações, e muitas vezes apenas através da receita de um prato tradicional: quantas de nós apenas conhecemos o “frango da vó Mariquinha” ou o “bolo da tia Aninha” e nada mais sabemos sobre elas?

E é assim, sem sobrenome nem maiores referências, que as Anas e as Marias foram sendo esquecidas ao longo dos séculos.

Mais um degrau e as mulheres do povo, muitas vezes iletradas, em tantos casos nem sequer registros materiais deixaram. Perdeu-se sua me-

mória irreversivelmente. Faltam documentos, cartas, diários, retratos, qualquer coisa que pudesse lhes garantir um sopro de eternidade.

Quando continuamos nossa descida rumo à base da pirâmide de nossa sociedade, chegamos às mulheres negras, por tanto tempo escravizadas, emprestando seus ventres para a procriação de mais mão de obra, seus seios para alimentar os filhos de seus senhores e seus braços para trabalhos infundáveis e invisíveis. Sem nome, sem história, apenas números inexatos e nossa tentativa de imaginar o sofrimento escondido por trás deles.

E quando recuamos no tempo e encontramos as mulheres dos povos originários, elas também tantas vezes escravizadas e dizimadas, constatamos um rastro de violência e apagamento que se perpetua até nossos dias.

E se hoje temos voz e podemos tentar reconstituir o papel do feminino na história, é porque carregamos a genética e a chama da vida dessas nossas ancestrais. E é procurando resgatar suas histórias, para que nosso futuro seja mais justo que nosso passado, que melhor podemos honrá-las.

